

### Percursos Pedestres. Conceitos, valores e oportunidades

Sérgio Diogo Caetano, Eva Almeida Lima & Teófilo Soares Braga

Amigos dos Açores – Associação Ecológica, Avenida da Paz nº14 Pico da Pedra, 9600 – 053 Pico da Pedra, Açores | amigosdosazores@gmail.com | www.amigosdosazores.pt/ru

#### O QUE É O PEDESTRIANISMO?

É muito antiga a prática de passeios pedestres. Contudo, como actividade organizada, surge em Inglaterra no século XVIII. Segundo Avelar (2002) o pedestrianismo é "o desporto dos que andam a pé" e "deve ser entendido, quando se realiza ao longo de percursos balizados". Na legislação portuguesa o pedestrianismo é a "actividade de percorrer distâncias a pé, na natureza, em que intervêm aspectos turísticos, culturais e ambientais, desenvolvendo-se normalmente por caminhos bem definidos, sinalizados com marcas e códigos internacionalmente aceites" (Portaria n.º 1465/2004, de 17 de Dezembro).

##### O PEDESTRIANISMO - ACTIVIDADE DESPORTIVA

O pedestrianismo é uma das modalidades dos denominados *Desportos de Natureza*, que são "todos aqueles cuja prática aproxima o homem da natureza de uma forma saudável e sejam enquadráveis na gestão das áreas protegidas, numa política de desenvolvimento sustentável".

(Fraga, 2005).

##### O PEDESTRIANISMO - ACTIVIDADE TURÍSTICA E CULTURAL

O pedestrianismo é uma prática em que o participante pode desfrutar do meio que o rodeia, pois os trilhos aproximam os visitantes das paisagens, da história e da cultura e, sobretudo, dos habitantes das zonas rurais. A actividade promove o desenvolvimento socio-económico local, contribuindo para evitar a desertificação humana e rentabilizando a oferta da hotelaria, alojamento rural, turismo de habitação, restauração, artesanato, etc.

##### O PEDESTRIANISMO - ACTIVIDADE DE NATUREZA

Para o pedestrianista o percurso é um meio para melhorar o seu conhecimento do ambiente, através da observação da beleza das paisagens, da diversidade da flora e da fauna e das formações geológicas, promovendo o respeito e a conservação do ambiente.

O pedestrianista pode, também, assumir um papel activo na sociedade, em prol do ambiente, constituindo o conjunto de trilhos uma rede de monitorização ambiental



#### CARACTERÍSTICAS DOS PERCURSOS PEDESTRES

Para além do interesse patrimonial e turístico dos percursos, na sua **escolha** deverão ser evitadas estradas asfaltadas ou vias utilizadas por veículos motorizados. A passagem por localidades, pelo contrário, deverá ser incentivada não só por permitir o contacto com as pessoas e com património construído mas também por potenciar o comércio local.

Os percursos podem ser **classificados** tendo em conta a sua função, a sua forma, o seu grau de dificuldade, os recursos usados na interpretação ambiental e a sua extensão. Em termos gerais, a generalidade dos percursos pedestres está associada a **funções** recreativas e educativas.

São diversas as **formas** dos trilhos: linear, circular, oito, em anéis contíguos, em anéis satélites e em labirinto (Braga, 2007).

O **grau de dificuldade** de um percurso varia de pessoa para pessoa, em função da sua condição física. Contudo, factores como a extensão, tipo de terreno, desnível e climatologia (o frio ou o calor excessivos não facilitam as caminhadas) devem ser considerados ao estabelecer o grau de dificuldade de um percurso (Jumping, 1997).

Existem diversas classificações quanto à **extensão** dos percursos. Os percursos de Grande Rota são os mais longos; os percursos de Pequena Rota têm trajectos mais curtos, de uma só jornada e com o máximo de 30 km de extensão; os Percursos Locais não ultrapassam 10 km de extensão; por último, os Percursos Urbanos são aqueles que percorrem espaços citadinos.

Na **sinalização** usada em Portugal são três as marcas utilizadas: caminho certo, caminho errado e mudança de direcção à esquerda e à direita. As marcas deverão ser colocadas em suportes devidamente escolhidos, de preferência em locais onde se vejam muito bem, com leitura nos dois sentidos.

##### SINALIZAÇÃO PORTUGUESA

			
Caminho Certo	Virar à esquerda	Virar à direita	Caminho Errado
Marcas usadas nas Pequenas Rotas. Nas Grandes Rotas, a cor amarela é substituída pela branca			

Em Portugal é usado, também, um conjunto de **informação** acessória que ajuda o pedestrianista a ter um maior nível de informação sobre a área visitada.

##### INFORMAÇÃO ACESSÓRIA

			
Painéis informativos	Placas indicativas	Placas informativas	Sinalética complementar

#### Bibliografia

- ANDRADE, W., (2006), Manejo de trilhas, [www.femesp.org](http://www.femesp.org).
- AVELAR, L., (2002), Dicionário de Montanha e Escalada, [http://luis-avelar.planetaclix.pt/dicionario/dicio\\_p.htm](http://luis-avelar.planetaclix.pt/dicionario/dicio_p.htm).
- BRAGA, T. (2007), Percursos Pedestres e Pedestrianismo. Ribeira Grande. Amigos dos Açores.
- CONSTÂNCIA, J., BRAGA, T., COSME, L., ANJOS, R., NUNES, J., (2004), Percursos Pedestres em S. Miguel-Açores, Ribeira Grande. Amigos dos Açores.
- FPC- FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CAMPISMO, (2001), Percursos Pedestres - Normas para a Implantação e Marcação, Lisboa, Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- FCMP- FEDERAÇÃO DE CAMPISMO E MONTANHISMO DE PORTUGAL, (2006), Regulamento de Homologação de Percursos Pedestres, (políc.)
- FRAGA, A., (2005), Manual para o investidor em Turismo de Natureza, Bensafrim, Vicentina- Associação para o Desenvolvimento do Sudoeste.
- JUMPING, B., (1997), Trekking Canyoning, Tema e Debates.
- MAGRO, T., (1999), Impactes do uso Público em Uma Trilha no Planalto do Parque Nacional do Itatiaia, São Carlos (Tese de Doutoramento).
- SALVATI, S., (2006), Trilhas - Conceitos, Técnicas de Implantação e Impactes, <http://ecosfera.sites.uol.com.br/trilhas.htm>.

#### PERCURSOS PEDESTRES GUIADOS COMO OPORTUNIDADE TURÍSTICA

De acordo com Salvati (2006), os percursos podem ser **guiados ou autoguiados**. No primeiro caso, o guia é o garante do sucesso do trilha, dependendo da sua condição física e técnica, dos conhecimentos da área visitada e da estratégia de abordagem utilizada, adaptada a cada grupo. O guia deverá possuir conhecimentos pedagógicos para transmitir, com facilidade, os conhecimentos aos visitantes, cativando-os para o usufruto do local visitado.

##### POSTURA DO GUIA (ADAPTADO DE SALVATI, 2006)

- Conhecer a área e a região envolvente;
- Conhecer o visitante e adaptar-se ao seu perfil;
- Ser animado, criativo e gentil;
- Transmitir segurança;
- Tratar todos com igualdade;
- Manter boas relações interpessoais.

O guia de percursos pedestres deve proporcionar segurança, assegurar que os diversos participantes possuam as mesmas motivações, capacidades físicas semelhantes e uma experiência base que permita vencer os esforços necessários.

O número de participantes deverá ser até 15 a 18 pessoas nos percursos de menor altitude, devendo ser reduzido para caminhadas de maior grau de dificuldade.

Durante a marcha o guia deverá na frente regular a velocidade de andamento, nunca perdendo de vista o total dos participantes.

No plano psicológico, o guia deverá estimular a solidariedade e motivar o grupo não só para os problemas técnicos, mas também para questões ambientais.

No caso dos percursos autoguiados, os elementos que indicam a direcção a seguir deverão ser apresentados aos visitantes através de recursos visuais e gráficos dispostos ao longo do percurso.



#### ÉTICA E CONDUTA

Para a realização de passeios pedestres, existem regras que deverão ser seguidas pelos pedestrianistas. A Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal definiu, em 2001, um quadro de normas de Ética e Conduta.

##### ÉTICA E CONDUTA EM PERCURSOS PEDESTRES (ADAPTADO DE FCP, 2001)

- Seguir somente pelos trilhos sinalizados;
- Ter cuidado com o gado;
- Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz do local;
- Observar a fauna à distância, preferencialmente com binóculos;
- Não danificar a flora;
- Não abandonar o lixo, levando-o até um local onde haja serviço de recolha;
- Fechar cancelas e portelos;
- Respeitar a propriedade privada;
- Ter cuidado com o lume;
- Não colher amostras de plantas ou rochas;
- Ser afável com os habitantes locais, estabelecendo uma postura de diálogo.

### Estratégia de Implementação

Sérgio Diogo Caetano, Eva Almeida Lima & Teófilo Soares Braga

Amigos dos Açores – Associação Ecológica, Avenida da Paz nº14 Pico da Pedra, 9600 – 058 Pico da Pedra, Açores | [amigosdosacores@gmail.com](mailto:amigosdosacores@gmail.com) | [www.amigosdosacores.pt/vu](http://www.amigosdosacores.pt/vu)

#### PEDESTRIANISMO NAS VEREDAS DA ILHA DO PORTO SANTO

Hoje, o turismo é uma importante fonte de receitas e os percursos pedestres são um dos melhores recursos existentes nas zonas ambientais e rurais, uma vez que realçam o que estas têm de melhor (património natural e cultural). Desde que não seja realizado de forma massificada, o pedestrianismo não exerce uma significativa pressão sobre a natureza. Consiste numa ótima alternativa às actividades sedentárias, pois o pedestrianista goza do prazer das paisagens, da natureza, da cultura, da história e do contacto com as pessoas e costumes. Sempre de uma forma activa e saudável!

Sabendo-se que é cada vez maior o número de turistas que visitam a Madeira para a prática do pedestrianismo e que na ilha do Porto Santo, apenas existe um número restrito de trilhos qualificados para esta prática, considera-se de todo o interesse a realização de uma campanha com vista ao levantamento do maior número possível de veredas que apresentem potencialidades para a prática do pedestrianismo, quer para fins de recreio da população local, quer para fins turísticos.

**Trilhos pedestres pelas veredas da ilha do Porto Santo** são um excelente complemento à sua natural aptidão balnear. Para tal é fundamental definir uma estratégia que vise a avaliação de potencialidades, a programação da intervenção a realizar, bem como a divulgação dos atractivos de cada um dos percursos definidos. A manutenção e conservação das veredas será também fundamental para uma oferta de qualidade permanente e, de preferência, em constante progresso.

#### AVALIAÇÃO DE POTENCIALIDADES

##### *Estudo do território*

Relevo, rede de caminhos, distribuição dos núcleos urbanos ...

##### *Identificação de locais de interesse*

Interesse natural, paisagístico, cultural... Analisar distâncias e trajectos entre eles

##### *Seleção de trajectos*

Trilhos, se possível, devem ligar-se entre si – Rede de trilhos

##### *Cartografia dos trajectos*

Percurso, perfil altimétrico e desnível, duração, dificuldade e perigosidade

##### *Inventário de elementos de interesse dos trajectos*

Elementos naturais, paisagísticos, culturais ou turísticos de cada trilho

##### *Descrição dos trajectos*

Descrição simples, com definição de postos de paragem

##### *Propostas de classificação/homologação*

Elaborar propostas de classificação/homologação de acordo com a legislação em vigor

#### PLANO DE INTERVENÇÃO

##### *Definição de entidade de gestão*

Responsabilidade legal pelas acções de intervenção, gestão e manutenção a realizar

##### *Plano de beneficiação de veredas*

Reabilitação e construção de novos caminhos, estabilização de zonas instáveis

##### *Instalação de sistema de sinalização*

Colocação de sinalização, de acordo com a legislação vigente

##### *Construção/melhoramento de infra-estruturas*

Miradouros, parques de merendas, locais para observação

##### *Instalação de sistema informativo*

Concepção e colocação de painéis informativos

##### *Plano de Gestão*

Planeamento de emergência, controlo de acessos, código de conduta ...



#### FORMAÇÃO E DIVULGAÇÃO

##### *Determinação do público alvo*

Definição e estudo dos principais destinatários

##### *Formação de guias*

Credenciação de guias (aspectos legais, socorrismo, orientação, património...)

##### *Sensibilização da população local*

Consciencialização para conservação das veredas e para a oportunidade económica

##### *Edição de folhetos*

Informações e cartografia essenciais, contactos de emergência, comércio...

##### *Edição de roteiros*

Informações detalhas do trajecto, do património, fotografias

##### *Integração das veredas em pacotes turísticos*

Definição de pacotes turísticos temáticos ligados aos elementos-chave de cada trilho

#### GESTÃO E MONITORIZAÇÃO

##### *Plano de monitorização*

Degradação dos trajectos, estabilidade, segurança, acumulação de resíduos ...

##### *Plano de manutenção*

Periodicidade e tipologia das intervenções

##### *Plano de financiamento*

Encargos anuais, fontes de financiamento ...

##### *Introdução de melhorias*

Procura de constantes melhorias funcionais no trajecto

##### *Estatísticas de visitação*

Determinação de médias de visitantes anuais por trajecto, avaliação da sazonalidade

##### *Inquéritos aos participantes e população local*

Avaliação de necessidades, pesquisa de novas valências e produtos

#### Bibliografia

- BRAGA, T., CAETANO, S., FURTADO, C. (2006), Floresta e Pedestrianismo - Floresta e Senderismo. III Jornadas Forestales de La Macaronésia. La Palma.
- BRAGA, T. (2007), Percursos Pedestres e Pedestrianismo. Ribeira Grande. Amigos dos Açores.
- CAETANO, S. (2007), Percursos Pedestres - Interpretação do Território e Orientação. Formação em Pedestrianismo – Noções Básicas para Guias da Natureza. Direcção Regional do Turismo – Açores.
- TOURMAC/INTERREGIIIIB. Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Horta.
- CAETANO, S., LIMA, E., MELO, R., BRAGA, T., BOTELHO, L. (2007), Os Percursos Pedestres nos Açores - Importância para a Monitorização e Valorização das Áreas Ambientais. III Congresso Internacional de Montanhismo. Estoril.
- CONSTÂNCIA, J., BRAGA, T., COSME, L., ANJOS, R., NUNES, J., (2004), Percursos Pedestres em S. Miguel - Açores, Ribeira Grande, Amigos dos Açores.
- FPC- FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CAMPISMO, (2001), Percursos Pedestres - Normas para a Implantação e Marcação, Lisboa, Centro de Estudos e Formação Desportiva.

### Percursos Pedestres - Veredas

Sérgio Diogo Caetano, Eva Almeida Lima & Teófilo Soares Braga

Amigos dos Açores – Associação Ecológica, Avenida da Paz nº14 Pico da Pedra, 9600 – 053 Pico da Pedra, Açores | amigosdosacores@gmail.com | www.amigosdosacores.pt/pt



1- Início da Vereda



6- Vereda junto à Levada



11- Obstrução da Vereda



16- Fontanário (Serra de Fora)



2- Vista do Pico do Castelo



7- Levada (Estrada Regional 260)



12- Extração de Inertes



17- Caminho em pedra



3- Sítio do Pé do Pico



8- Áreas Degradadas



13- Estrada Regional 260



18- Fim do percurso



4- Sítio das Casinhas



9- Derrocasas



14- Antigo caminho da Serra de Fora



15- Troço indefinido (queda de rochas)



5- Vereda junto à Levada



10- Tababeiras



15- Troço indefinido (queda de rochas)

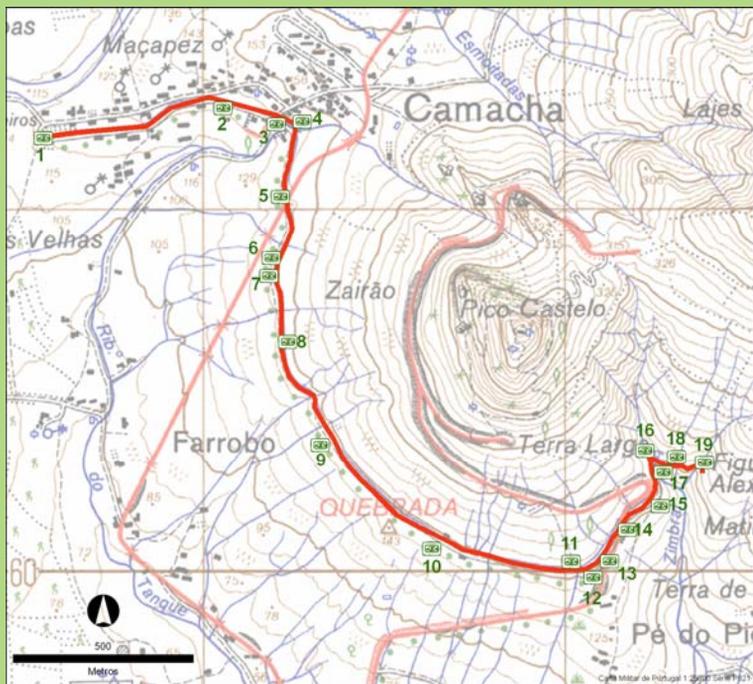
#### Vereda da Levada – Dragoal – Serra de Fora

Distância: 5 km

Tempo Estimado: 2 horas

Grau de Dificuldade: Fácil

**Descrição Sumária:** o percurso acompanha a levada que transportava a água da represa do Dragoal para o sítio da Serra de Fora. Os caminhos são maioritariamente em terra, obtendo-se excelentes vistas sobre a baía Sul do Porto Santo. Ao longo do trajecto é possível observar muitas tababeiras (*Opuntia tuna*). Destaca-se ainda a Capela da Graça, edificada em 1533 e reconstruída em 1951. Alguns troços apresentam-se muito inseguros e bastante danificados pelas frequentes derrocasas, necessitando de obras de requalificação e de beneficiação.



1- Início da Vereda



7- Pinheiro Manto



13- Vista da cidade do Porto Santo



19- Vista sobre a encosta do Vale do Matinho



2- Pico do Castelo e Pico do Facho



8- Muros em pedra arrumada em socacos



14- Vereda junto à Estrada Regional 261



15- Pico do Facho e Vale do Matinho



3- Estrada Velha da Camacha



9- Paredes da levada



15- Pico do Facho e Vale do Matinho



16- Ponte



4- Ponte da Rbª do Tanque



10- Muros em pedra



16- Ponte



17- Vista sobre o vale e o mar



5- Estrada Regional 120



11- Tababeiras e oliveiras



17- Vista sobre o vale e o mar



18- Paredão em pedra



6- Vista do sopé do Pico do Castelo



12- Vereda junto à levada



18- Paredão em pedra

#### Vereda da Levada – Camacha – Facho

Distância: 3 km

Tempo Estimado: 1. 30 horas

Grau de Dificuldade: Fácil

**Descrição Sumária:** o percurso desenvolve-se nos flancos do Pico do Castelo, cujas encostas foram sujeitas a repovoamento florestal. O trajecto acompanha uma levada que funciona ocasionalmente, apenas quando chove. Ao longo da vereda é possível observar tramagueiras, pinheiros, tababeiras, oliveiras, drageiros e palmeiras, entre outras. Neste percurso obtêm-se excelentes vistas sobre o Ilhéu de Baixo, Pico da Ana Ferreira, Vale do Matinho e da Cidade do Porto Santo. Todo o trajecto é bastante seguro e encontra-se bem conservado. Os muros de pedra, fontes e bebedouros são outros motivos de interesse.